

# Feira do Livro

HÁ 53 ANOS, A CAPITAL gaúcha sedia um dos mais importantes eventos literários do país. Porém, a profusão de atividades paralelas, a lista infidável de lançamentos e o burburinho do público têm espantado aqueles que preferem descobrir novos livros em ambientes mais tranquilos. Afinal, a Feira é mais espetáculo do que um espaço para transmitir o gosto pela leitura? Para tentar responder à questão, convidamos dois frequentadores para refletir sobre a Feira do Livro e seus significados.

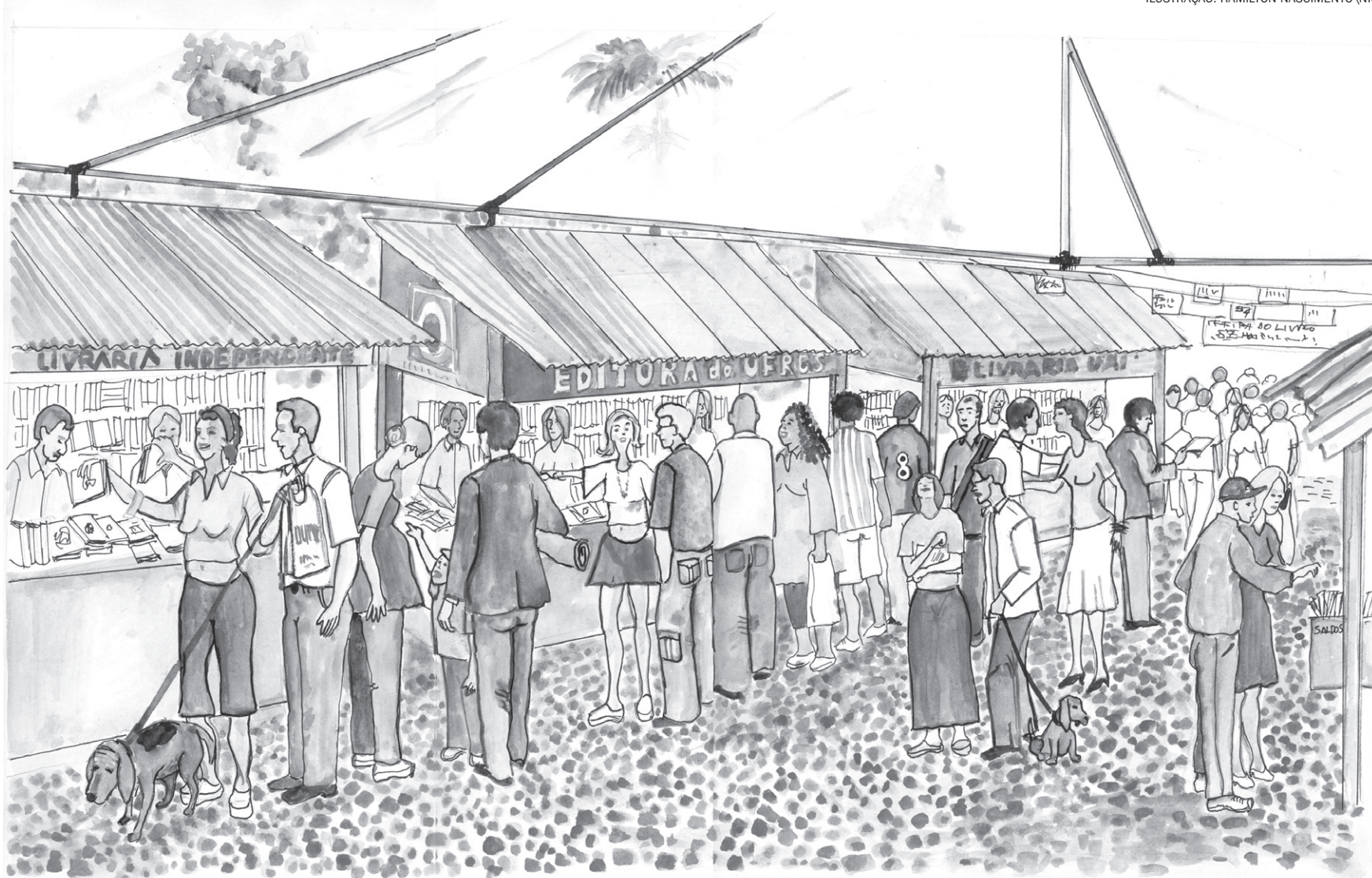


ILUSTRAÇÃO: HAMILTON NASCIMENTO/NIQ

## Passear entre livros não é promovê-los

Nair Tesser\*

A ambigüidade expressa na pergunta e seu pressuposto é um indicador evidente de que o rumo trilhado está merecendo uma reflexão: a Feira promove verdadeiramente o livro e sua leitura?

Passear entre livros sem ao menos tocá-los não é promovê-los. Promover o livro é percebê-lo, usufruí-lo. É sentir um enorme e gostoso prazer em acariciá-lo, andar com ele, deitar com ele, buscando descobrir seus encantos. É um ato de rara e delicada sensualidade. Ao lê-lo, não só observo seu conteúdo como cruzo sua história com a minha, alimentando, assim, minha identidade. O livro não pode ser comparado a qualquer objeto de consumo, pois em suas páginas palpita a vida em todas as dimensões.

Portanto, não pode sofrer reducionismos. E usá-lo como veículo para o mercado é reduzi-lo a mais ínfima de suas possibilidades. Se dependesse disso, as grandes obras teriam desaparecido e, milagre dos milagres, elas continuam entre nós, apesar de não estarem na lista dos mais vendidos.

Se a propaganda é a alma do negócio, a alma

do livro não está nela. Sua propaganda é só uma: seu conteúdo. O livro sobrevive à propaganda cuja natureza, queiramos ou não, é perversa, pois devora o objeto que promove. Se assim não fosse, como subsistiria? Se livreiros e distribuidores querem ter mais lucros, e é justo que o queiram, devem investir em recursos humanos que leiam e reconheçam no livro importância e valor. A carência de leitores foi destituindo as livrarias de sua verdadeira essência: um lugar de encontro para falar de cultura, escritores, suas histórias, seus livros, e sair delas querendo voltar.

Que somente Buenos Aires possa bancar uma Ateneu parece-me por demais fenomenológico, ou se não o for, o que nos falta para termos boas livrarias? Leitores, em primeiro lugar. E não os teremos se a juventude não ler, ou somente ficar nos escritores promovidos pela mídia ou nos mais vendidos.

*Se a propaganda é a alma do negócio, a alma do livro não está nela*

Há uma diferença sensível entre ler na telinha e ler no livro; na telinha, há fragmentação e anulação temporal o que dificilmente propicia ao leitor uma síntese; no livro, tem-se um objeto único com suas fronteiras, cheiro, cor, representando um mundo, cuja existência resulta de uma síntese da realidade e cujo autor expressa sua história, tem referências identificáveis onde podemos navegar acrescentando nossa interpretação.

A robotização serve para muitas coisas, mas certamente não contribui para a humanização do homem. Vivemos um momento de graves inversões: quem é inteligente é o elevador, quem ama é o robô, quem sente ternura é o ET, quer dizer, os objetos e extraterrestres estão ficando humanos e os homens estão perdendo a humanidade.

Ao priorizar esses rituais tecnológicos, nega-se à juventude a aventura de descobrir

sua individualidade e afirmar sua identidade. É isso que fazemos quando justificamos com tanta ênfase a relação quase absoluta entre os jovens e os recursos tecnológicos. Elogiamos seu desempenho precoce com os computadores e sua agilidade com os controles remotos como um grande avanço da nova geração e uma garantia para ter sucesso no mundo do futuro.

Contestar esse pressuposto é negar-se a aceitá-lo como um resultado dado, uma consequência do progresso; é opor-se à mudança, ao novo, ao moderno. Contudo, se indagarmos o que é moderno, dificilmente alguém saberá defini-lo. Mas afinal quem é esse Senhor e qual o seu sobrenome?

Perguntar, pois, se a Feira é um local para passear ou comprar livros é duvidar que ela esteja cumprindo seu verdadeiro papel. Contudo, os rituais que promovem o livro podem contemplar o passear entre eles, desde que os toquemos seja para desejá-los, seja para comprá-los e lê-los.

\* Professora do Instituto de Letras da UFRGS

## Uma Ágora na cidade dos livros

Francisco Marshall\*

Naquele tempo, o viandante que se esgueirasse pela Feira do Livro, costurando o corpo entre as centenas, espremendo a vista e os dedos pelas lombadas e ofertas, enfrentando a chuva de calcanhares e de flores de jacarandá entre poças e pedras, seria afinal premiado ao chegar ao miolo da feira, onde encontraria um botecão meio fuleiro, mesinhas vermelhas, aquelas cervejas que pareciam boas, os ares da praça e a graça das gentes entregues às páginas e autógrafos de Gambrinus. O olhar, então, procurava caras amigáveis, com boa chance de sucesso, e se iniciava um dos melhores passatempos literários, em torno de argumentos e copos, muitas páginas pela frente. Não havia como não olhar e ficar: o botecão era epicentro da feira. Depois, foi sendo exilado e virou ruela colateral, balcão de gorduras, deu prá ele. Um mau destino. Mereceria, antes, ter recebido lambris na parede, mesas com toalha branca, um piano, obras de arte, garçons uruguaios e uma charutaria com um bom pub bar. Um lugar feito para se ler James Joyce, Josué Guimarães ou se folhear um livrão velho de poesia ou de história da arte. Esta seria a evolução de um bar

da feira do livro, estética: um outro caminho do livro, com cenário e conteúdos afins.

Hoje não se vê mais o bar no centro da feira. Há por ali quiosques de empresas, no estilo Expoiner, o pavilhão de autógrafos, e certo vazio na alma sócio-etílica da cidade. Se um dia me sobram uns trocados, vou lá montar um *Irish pub* em que se possa receber Byron, Baudelaire, Borges e outros "bês" bons, decentemente. Sem o bar, vai-se à feira e aos livros, vê-se muita novidade e compram-se algumas (com descontos de 20% – rogo que ninguém aceite jamais o desconto de 10%, é uma afronta!). Sem o bar, vai-se à feira, mas as gentes permanecem menos. Um recanto amigo ajuda o vivente a descansar um pouco, saborear suas aquisições, exibir aos amigos os achados e pechinchas e, restauradas as forças, partir para novas conquistas. Ou seja, este serviço incrementa o desempenho econômico da feira, razão que me leva a pleitear

*Por excelência, a Feira do Livro ainda é o lugar de encontro de uma comunidade de leitores*

ar um subsídio à Câmara Riograndense do Livro para instalação de um bar cultural no centro da Feira, por razões estratégicas e de benefício público. Rogo ainda a você, caro(a) leitor(a), que se agregue a esta nobre causa e venha brindar conosco ao final da campanha.

Há, também, o efeito de uma ágora, o lugar de encontro de uma comunidade de leitores. Este efeito a Feira do Livro ainda tem, por excelência. É a melhor ágora de Porto Alegre, senão a única; o próprio livro é a grande ágora transhistórica e heterotópica de muitos leitores. Ágora, para os gregos (e os atenienses em particular), era local de encontro, lazer e negócios. Não era centro sagrado, como a acrópole cheia de templos, nem local de decisão política, como a assembléia. Na ágora de Atenas, estavam galerias, clubes, negócios e amenidades que facilitavam o convívio. Havia alguns prédios públicos no mesmo quarteirão,

conectando a vida administrativa com o local destinado a passeio, presenças e trocas variadas. O fórum dos romanos é uma tradução razoável. Sem a ágora, o teatro, a assembléia e os templos se tornariam algo similar a nossas urnas eleitorais hoje, locais de solidão e de utilidade duvidosa. Se por razão congênita ou freudiana sentimos (?) nostalgia do útero, na cidade e na democracia sentimos falta da ágora, e sucumbimos à fragmentação dos tempos. Outra boa razão para defendermos uma ágora na cidade dos livros, necessária.

É certo que a feira cresceu muito, nos últimos anos, na qualidade e quantidade da programação. Estes eventos, todavia, são institucionais, têm pauta determinada e hora marcada para começar e terminar, algo muito diferente do gregarismo lítero-botequista, de natureza anárquica e de nobilíssima autonomia. Viremos, pois, esta página, e retomemos as caligrafias de outrora, com os favores de Dionísio e de Apolo.

\* Professor do departamento de História e dos programas de Pós-graduação em História e Artes Visuais da UFRGS